



Ideologia e mais-valia ideológica: Karl Marx e Ludovico Silva em diálogo

Flávio Magalhães Piotto Santos¹

Resumo

O presente artigo procura retomar um conceito fundamental para a análise das ideias dentro do sistema capitalista: a ideologia. Para tanto, o conceito é revisitado em um autor clássico sobre o tema: Karl Marx. A partir da investigação de trechos de seu livro “Ideologia Alemã”, pretende-se recuperar o que o pensador alemão comprehende por ideologia. Em seguida, é feita a análise do livro “A mais-valia ideológica” do filósofo venezuelano Ludovico Silva. Silva retoma o conceito de ideologia tal como ele aparece em Marx e depois procura expandi-lo, descobrindo uma nova categoria: a mais-valia ideológica. Por fim, são apontados os elementos convergentes entre Marx e Silva e quais são as possibilidades e limites da categoria mais-valia ideológica.

Palavras-chave: Ideologia, Mais-valia ideológica, Marxismo, Modo de produção capitalista.

Ideología y plusvalía ideológica: Karl Marx y Ludovico Silva en diálogo

Resumen

Este artículo busca retomar un concepto fundamental para el análisis de las ideas en el sistema capitalista: la ideología. Para ello, se retoma este concepto en la obra de un autor clásico en la materia: Karl Marx. A través de una investigación de extractos de su libro "La ideología alemana", se busca recuperar lo que el pensador alemán entiende por ideología. Posteriormente, se analiza el libro "Plusvalía ideológica" del filósofo venezolano Ludovico Silva. Silva retoma el concepto de ideología tal como aparece en Marx y luego busca ampliarlo, descubriendo una nueva categoría: la plusvalía ideológica. Finalmente, se señalan los elementos convergentes entre Marx y Silva, así como las posibilidades y limitaciones de la categoría de plusvalía ideológica.

Palabras-clave: Ideología, Plusvalía ideológica, Marxismo, Modo de producción capitalista.

¹ Doutorando no programa de História Econômica da Universidade de São Paulo com pesquisa sobre a teoria marxista da dependência e a análise da economia política dos dois primeiros governos Lula (2003-2010). Mestre em História Social pela mesma instituição com pesquisa a respeito da questão da científicidade e objetividade do conhecimento na obra de Karl Marx. Bacharel e Licenciado em História pela Universidade de São Paulo (2019). E-mail: flaviomsantos11@gmail.com

Ideology and ideological surplus value: Karl Marx and Ludovico in dialogue

Abstract

The present article seeks to revisit a fundamental concept for the analysis of the ideas in the capitalist system: ideology. To do so, this concept is revisited in a classic author on this subject: Karl Marx. Based on the investigation of excerpts of his book “German Ideology”, the article aims to recover what the German thinker understands by ideology. After, an analysis of the book “The ideological surplus value” written by the Venezuelan philosopher Ludovico Silva. Silva takes up the concept of ideology as it appears in Marx and then tries to expand it, discovering a new category: ideological surplus value. In the end, the converging elements between Marx and Silva are highlighted and the possibilities and limits of the ideological surplus value category are pointed out.

Key words: Ideology, Ideological surplus value, Marxism, Capitalist mode of production.

O problema da ideologia se faz presente ainda hoje no cotidiano da vida social. Seja em jornais televisivos ou impressos, revistas, programas de entrevistas, livros, redes sociais, a ideologia se apresenta como algo importante para caracterizar uma determinada forma de pensar. Todavia, longe de ser uma discussão de conceitos, hermética à maioria das pessoas, a ideologia é a manifestação de uma fervorosa luta de classes dentro da sociedade capitalista. E é precisamente nesse embate constante que essa palavra deixa de ser um mero conceito para se referir a uma compreensão não só de como a sociedade se organiza, mas também de como ela pensa.

É necessário, pois, procurar entender e restituir o verdadeiro significado dessa palavra, pois ela é de suma importância para pensar e agir politicamente. Para isso, não reconstruiremos a história do conceito de ideologia, mas nos debruçaremos sobre dois autores fundamentais que trabalharam e pensaram a ideologia e sua relação com uma práxis política. Esses autores são Karl Marx e Ludovico Silva.

Marx alterou e repensou o significado de ideologia a partir de sua obra “*A Ideologia Alemã*”,² escrita em conjunto com Friedrich Engels. Essa obra será analisada, em suas principais partes, neste artigo. O pensador alemão conferiu uma profundidade à noção de ideologia e possibilitou pensar em que medida a produção da realidade está conectada com a produção das ideias e, especificamente, de uma ideologia.

Ludovico Silva foi um dos mais importantes pensadores venezuelanos, tendo escrito diversas obras sobre o marxismo e sobre o próprio Marx. Retomaremos e analisaremos aqui uma de suas obras mais famosas, “*A mais-valia ideológica*”, onde procura, a partir de uma

² Para uma boa compreensão dessa transformação da ideia de ideologia a partir de Marx, ver KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

análise cuidadosa do significado de ideologia em Marx, restabelecer o sentido desse conceito, bem como formular uma nova hipótese de funcionamento da ideologia dentro do modo de produção capitalista: a mais-valia ideológica.

Portanto, o objetivo do presente artigo é analisar o significado de ideologia para ambos autores, de que maneira ela está presente cotidianamente na sociedade capitalista e em que medida ela se faz imprescindível e vital dentro da luta de classes e na batalha das ideias.

“A Ideologia Alemã”

Marx e Engels se conheceram em meados da década de 1840 e seu primeiro encontro deixou uma péssima impressão um ao outro. No entanto, após uma segunda reunião em Paris, ambos viram que tinham mais em comum do que acreditavam. Os dois já haviam lido trabalhos um do outro, mas foi a partir de uma mútua admiração que começaram a trabalhar juntos com o objetivo de organizar os trabalhadores para lutarem contra a exploração capitalista.

Assim, foi durante os anos de 1845 e 1846 que juntos resolveram escrever um texto que criticava pensadores alemães que se reivindicavam herdeiros daquele que havia sido o grande pensador da época e havia pouco tempo falecido: Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Hegel havia criado uma série de discípulos e, após sua morte, houve uma cisão entre esses seguidores. De um lado, os hegelianos de direita; do outro, os hegelianos de esquerda. Dentro deste último grupo, estavam Ludwig Feuerbach, Max Stirner e Bruno Bauer.³ Foi precisamente contra esses últimos que Marx e Engels escreveram uma crítica mordaz. Ocorre que foi justamente a partir desta crítica que ambos conseguiram elucidar suas próprias posições teóricas sobre o que seria a realidade e de como se pensar o início do processo de investigação do real. Esse conjunto de escritos jamais foi terminado, sendo deixado “à crítica

³ Ludwig Feuerbach (1804-1872) foi um filósofo alemão que teve grande proximidade com as ideias de Hegel e seu sistema filosófico. Sua principal obra é *A Essência do Cristianismo*, onde procura mostrar que a filosofia tem uma base material, sendo uma projeção da natureza interior do próprio Homem. Esta obra teve grande impacto sobre as concepções de Marx. Max Stirner (1806 – 1856) foi um filósofo alemão, que escreveu para o periódico *Gazeta Renana*, do qual Marx era um dos editores. Sua obra mais importante é *O único e sua Propriedade*, onde critica a religiosidade que assola o mundo e propõe alternativas centradas na autonomia individual. Bruno Bauer (1809 – 1882) foi um historiador e filósofo alemão. Sua crítica tem como foco a religião, que, similarmente a Feuerbach, também considerava uma forma de alienação. Estes três pensadores exerceram grande influência em Marx, tendo apresentado diversas ideias que este irá assimilar e também criticar. No presente trabalho, a influência de Feuerbach se apresentará como mais força, dado o tema que estamos trabalhando. Convém ressaltar, por último, que a crítica marxiana trata, muitas vezes, estes pensadores com extrema ironia, base fértil de uma crítica profunda e acertada. Contudo, estes pensadores devem ser vistos também a partir de suas próprias ideias, que não eram tão simples como a princípio podem parecer.

roedora dos ratos”, como o próprio Marx aponta em um texto de 1859.⁴ Esses manuscritos deram origem ao que se conhece hoje como “*A Ideologia Alemã*”.⁵ Portanto, é com a análise de determinados trechos desses manuscritos que começaremos nossa discussão.

Marx inicia sua crítica aos hegelianos de esquerda, especificamente Feuerbach, apontando que toda a história escrita até aquele momento deixava de lado o momento fundante e, por isso imprescindível, de que os seres humanos precisam, antes de tudo, produzir e reproduzir sua vida material. Como ele escreve

Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (MARX, 2007, p.33).

A necessidade material de achar os meios de vida tais como a comida, bebida, a moradia, as roupas não é algo supérfluo, mas constitui exatamente o primeiro ato histórico que toda sociedade, em todos os períodos históricos, tem de cumprir. Ignorar esse momento fundamental da atividade humana só pode ser explicado por uma época histórica na qual essas próprias necessidades são atendidas através de muitas mediações e, assim, sequer são pensadas como partes vitais, mas como pressupostos que não precisam ser elucidados. Enfim, esse primeiro ato histórico aparece desconectado da própria História.

Disso decorre que tal

(...) concepção veja na história apenas ações políticas dos príncipes e dos Estados, lutas religiosas e simplesmente teóricas e, especialmente, que ela tenha de compartilhar, em cada época histórica, da ilusão dessa época. Por exemplo, se uma época se imagina determinada por motivos puramente “políticos” ou “religiosos”, embora “religião” e “política” sejam tão somente formas de seus motivos reais, então o historiador dessa época aceita essa opinião (MARX, 2007, p.43-44).

⁴ Ver, a esse respeito, MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. P. 49.

⁵ Os manuscritos da *Ideologia Alemã* ficaram guardados por Marx e Engels e somente em 1921 foram achados. Posteriormente, a primeira parte da obra foi publicada em 1926 por David Riazanov, diretor do Instituto Marx-Engels e editor da primeira Marx-Engels-Gesamtausgabe. As dificuldades do período na União Soviética fizeram com que Riazanov fosse demitido e o projeto fosse interrompido em 1935. Em 1975 a MEGA foi retomada com uma política editorial diferente, ainda que seguindo um objetivo político. Somente após 1989, a MEGA adotou uma postura filológica dos textos de Marx e Engels, optando por publicá-los sem alteração do original e conservando sua ordem cronológica. A Mega 2 retomou o projeto de publicação da “*Ideologia Alemã*” optando por deixar as lacunas presentes no manuscrito e não tentar preenchê-las, apresentando os manuscritos como textos autônomos, como de fato foram escritos. Sobre a história da MEGA ver HUBMANN, Gerald. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamte Ausgabe in *Critica Marxista*, v.34, 2012, p. 33-49.

O que Marx critica é precisamente o fato de que a história escrita até aquele momento, ao desconsiderar aquela produção material das necessidades humanas, enxergava somente outros fatores como importantes e por isso merecedores de análise. Se uma época histórica se entende como determinada pela política ou pela religião, os historiadores permaneciam acreditando que esses eram, *de fato*, os elementos definidores e organizadores da vida social. Caberia, então, ir além dessa expressão fenomênica para se atingir o que realmente é essencial. Ainda que a religião e a política possam, realmente, determinar muitas instâncias da vida, é necessário se perguntar, ao contrário: o que faz da política ou da religião, nessa sociedade específica, momentos importantes?

A crítica à historiografia da época é necessária para Marx, pois ele, juntamente com Engels, está procurando também mostrar qual é a sua forma de entender a realidade e a própria História. Por isso, Marx afirma que

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vida desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com *o que* produzem como também com *o modo como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX, 2007, p.87, grifo original).

A História é um processo e, dessa forma, o modo como os homens produzirão sua vida depende de quais meios eles encontram e, simultaneamente, de quais novos meios eles produzirão. Contudo, e isto é fundamental, esse modo de produzir a vida não deve ser observado apenas pelo lado material.⁶ Ao produzir a vida, os indivíduos *exteriorizam* uma forma específica de ser, um modo de vida. Essa forma de exteriorizar sua produção nos revela o que eles de fato são. Portanto, não se deve apenas analisar o que eles produzem, o que sem dúvida é necessário e imprescindível, mas também o modo como eles produzem. Poderíamos ilustrar isso da seguinte maneira: uma moradia é algo necessário em todas as épocas históricas e, claro, um prédio de 20 andares tem diferenças de engenharia, arquitetura, divisão do espaço, altura, dimensões, enfim de uma série de características em relação a, por exemplo, uma casa camponesa da Idade Média. Aquele “*o que*” é produzido é, claramente, diferente. Mas o modo de produzir essas duas habitações também nos revela qual é a natureza de cada

⁶ Esse ponto é crucial, pois muitas críticas a Marx estão baseadas no entendimento que suas análises são economicistas e vinculadas apenas ao material. Ao se ler o texto original com atenção, essas críticas perdem todo seu sentido.

uma dessas sociedades: de um lado, a sociedade capitalista; do outro, a sociedade medieval. E é exatamente nesse modo de produzir que é possível compreender como os indivíduos são em cada uma dessas sociedades. O modo de produção da vida indica a *forma de ser* dos indivíduos.

Pois bem, esse modo de produção da vida material indica, então, tanto a possibilidade de análise dessas necessidades materiais, bem como de revelar como esses indivíduos são nessa sociedade. Assim,

A observação empírica (que se atém simplesmente aos fatos reais) tem de provar, em cada caso particular, empiricamente e sem nenhum tipo de mistificação ou especulação, a conexão entre a estrutura social e política e a produção. A estrutura social e o Estado provêm constantemente do processo de vida de indivíduos determinados, mas desses indivíduos não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas sim tal como realmente são, quer dizer, tal como atuam, como produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de seu arbítrio (MARX, 2007, p.93).

A dificuldade consiste em mostrar a conexão que a produção, o processo de vida real dos indivíduos, tem com a estrutura social e política daquela determinada sociedade. Entretanto, não se deve basear a análise naquilo que os próprios indivíduos julgam ser a verdade em sua imaginação, mas, ao contrário, de como esses indivíduos *realmente* são. Há, para Marx, uma diferença essencial entre aquilo que os indivíduos pensam sobre a sua realidade e aquilo que eles de fato são. É possível investigar e descobrir como eles atuam em circunstâncias que não foram produzidas por eles e, por isso, apresentam pressupostos, limites e condições específicas.

Aqui Marx introduz o problema de ir além do que os indivíduos de uma determinada época histórica pensam sobre si mesmos. Ou seja, é necessário realizar um esforço de investigação para ultrapassar esse limite estabelecido. Sobre isso, ele escreve que

As representações que esses indivíduos produzem são representações, seja sobre sua relação com a natureza, seja sobre suas relações entre si ou sobre sua própria condição natural [Beschaffenheit]. É claro que, em todos esses casos, essas representações são uma expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercâmbio, de sua organização social e política (MARX, 2007, p.93).

Marx dá o nome de representações àquilo que os indivíduos pensam. Dando maior detalhamento ao que foi escrito antes, o pensador alemão aponta que essas representações são uma *expressão consciente* das relações sociais estabelecidas, de sua produção, em suma, de sua organização social e política. Isso significa que essas representações, esses pensamentos

são algo consciente, que os indivíduos sabem que estão pensando. Contudo, essas representações *podem* ser uma expressão que é ou real ou ilusória. As representações podem ser reais, isto é, podem corresponder ao que de fato a realidade é. Mas elas também podem ser representações ilusórias, ou seja, podem não corresponder ao que de fato ocorre na realidade. É neste segundo caso que a dificuldade analítica começa, pois compreender que há um descompasso entre realidade e representação não é o mais complexo, mas sim explicar como esse descompasso ocorre.

Assim,

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico (MARX, 2007, p.94).⁷

Não existe consciência separada do ser. As ideias dos homens são produto de sua sociedade específica e de seu determinado período histórico. O jogo de palavras que Marx faz da consciência não poder ser outra coisa que o ser consciente indica precisamente que há uma conexão inelutável entre o desenvolvimento do processo de vida real dos indivíduos e o seu pensar. Agora, se, por acaso, houver uma inversão entre aquilo que os homens pensam e aquilo que de fato são, essa inversão não deve ser buscada no mundo das ideias, mas, ao contrário, no processo histórico de vida. A analogia com a câmara escura serve para mostrar que a busca pela origem e desenvolvimento dessa inversão está ancorada no desenvolvimento histórico-social real. À essa inversão, Marx dá o nome de ideologia. Portanto, a ideologia é uma representação que inverte o mundo e o coloca de cabeça para baixo, alterando aqueles elementos que permitem revelar o nexo interno da sociedade.

A partir do trecho acima, não restam dúvidas de que, para Marx, a ideologia é uma representação mental, uma ideia que obstaculiza a compreensão real da sociedade. O fundamental é compreender que a ideologia não é ela mesma um produto do pensar apartado da vida real e preso ao mundo das ideias, mas sim que, se há uma inversão feita pela ideologia, é porque a produção e reprodução social dos indivíduos nesse mundo material fabrica essa inversão. A explicação não parte da ideia para a realidade, mas, ao contrário, da

⁷A analogia entre a ideologia e a câmara escura será fundamental para compreender a análise que Ludovico Silva faz de Marx.

realidade para a ideia. É por isso que em outro trecho, Marx afirma que “ela (concepção da História de Marx - F.M.) não tem necessidade, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material (MARX, 2007, p.43).

As formações ideias, as representações mentais, a ideologia têm todas sua explicação correta quando se parte da práxis material e, refazendo o caminho dessa práxis, pode-se chegar aos pensamentos que dela advêm. É nesse sentido que é possível afirmar que Marx e Engels estão esboçando uma teoria materialista da História, na medida em que procuram solucionar os problemas a partir do solo concreto da realidade e não de elucubrações teóricas.

Agora, para Marx não existe sociedade sem classes. E por esta razão, as classes têm de ser levadas em consideração. Assim,

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica) das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX, 2007, p.47).⁸

As ideias produzidas pela classe dominante são as ideias que dominam a sociedade, pois a classe dominante detém os meios de produção material e, consequentemente, também os meios de produção espiritual. Essas ideias dominantes não são nada mais que a expressão ideal, *ideológica*, das relações materiais dominantes. Se, portanto, uma classe explora outra, como é o caso no modo de produção capitalista, as ideias dominantes serão aquelas da classe exploradora e não da explorada, precisamente porque aquela determina a organização e desenvolvimento sociais. Essas ideias dominantes são a expressão ideológica das relações materiais dominantes, porque essas colocam o mundo de cabeça para baixo e, assim, as ideias não podem ser outra coisa que a continuação dessa inversão material no mundo das representações. Dessa forma, essas ideias, que pertencem a uma classe, expandem-se para as outras classes, fazendo com que se crie a aparência de que aquela forma social de produção é natural e que as ideias que pertencem somente a uma classe sejam, na verdade, as ideias de

⁸ Será a partir desse trecho que Ludovico Silva irá retirar a justificação para sua hipótese da mais-valia ideológica.

todas as classes.

A realidade coloca o mundo de ponta cabeça e é nela que se deve buscar e analisar essa inversão. A ideologia é a continuação mental dessa inversão real e, assim, ela continua um processo que a antecede. Da mesma forma, a ideologia faz essa inversão nas representações e, simultaneamente, transforma aquilo que é particular em universal. As ideias dominantes são ideológicas, porque absolutizam aquilo que é apenas relativo.

Pode-se ver, então, que Marx entende o processo de produção material como o ponto fundamental da realidade e início do processo de investigação necessário. Ao mesmo tempo, deve-se buscar nessa base material a compreensão de como os indivíduos *são*. É a partir dessa análise que é possível compreender o que pensam, pois, como aponta Marx em outro trecho, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX, 2007, p.94). Se ideologia inverte o mundo, é porque o próprio mundo inverte as relações sociais. Assim, a ideologia é a expressão ideal dessa inversão real. Expressão essa que inverte as relações sociais e transforma-as em naturais, retirando todo o caráter histórico que elas de fato têm. Eis que Marx esboça em “*A Ideologia Alemã*” sua concepção teórico-metodológica sobre a análise da realidade, mostrando que essa é uma união indissolúvel entre o material e o ideal.

Da ideologia à mais-valia ideológica

Depois de investigar a análise de Marx sobre o problema da ideologia, passaremos agora a compreender a hipótese trazida por Ludovico Silva. Silva foi um importante pensador, filósofo e poeta venezuelano. Grande estudioso de Marx, acreditava que este havia deixado um método de investigação, que poderia servir como guia para a compreensão da especificidade social latinoamericana. Seu ensaio mais famoso, e que foi traduzido para o português, intitula-se “*O estilo literário de Marx*”. Sua preocupação com a forma de expressão se faz perceber nesse ensaio marcante sobre a forma de escrita de Marx.

Contudo, aqui nos ocuparemos de uma outra obra, muito menos conhecida no Brasil, que tem o título de “*A mais-valia ideológica*”. Escrito em 1978, este livro representa uma grande contribuição de Ludovico Silva para pensar não só o capitalismo dependente latinoamericano e suas ramificações ideológicas, mas também o próprio modo de produção capitalista. Uma vez mais, Silva mostra que, diferente do como se costuma pensar ultimamente, a crítica social radical se faz da periferia para o centro e não do centro para a

periferia. Nesta obra é possível perceber como o filósofo venezuelano domina aquelas categorias elaboradas por Marx quase 150 anos antes para, a partir delas, fazer uma análise original e necessária sobre um problema fundamental aos marxistas: o pensamento. Passemos, portanto, à análise do texto.

Silva inicia sua investigação procurando recuperar o verdadeiro significado do conceito de ideologia dentro dos escritos de Marx, especificamente da “*Ideologia Alemã*”. Existiria, para Silva, uma multiplicidade de significados do conceito de ideologia em Marx e Engels, pois ambos concentraram seus estudos muito mais na estrutura econômica, do que na superestrutura da sociedade (SILVA, 2017, p.26). Dessa forma, seria necessário recuperar o real significado de ideologia para se conseguir avançar na temática da consciência. Aliás, todo o problema de fundo para Silva é compreender como uma determinada estrutura econômica produz uma forma de pensar específica. Para isso, o poeta venezuelano retoma o trecho de “A ideologia alemã” que faz uma comparação entre a ideologia e uma câmara escura.⁹ Sobre este trecho, ele afirma que:

A analogia é a seguinte: a mente do homem se comporta frente ao processo da *história* de um modo análogo a como se comporta a câmara escura frente à realidade física *natural*; e assim como na câmara escura se forma um *reflexo* invertido da realidade física, também na mente do homem ocorre a formação de um “reflexo” da realidade *histórica*, no qual “os homens e suas relações aparecem invertidos”: esse “reflexo” é a ideologia (SILVA, 2017, p.27, grifos originais).

A análise de Ludovico Silva sobre o trecho é correta. A ideologia é uma inversão, no pensamento, daquilo que ocorre na realidade. Por isso, Silva enfatiza as palavras “história” e “histórica”, de forma a transmitir que o pensamento que provoca a inversão tem uma origem social concreta e não que se trata meramente de um mero equívoco do pensar.

Pois bem, após compreender corretamente o conceito de ideologia, Ludovico Silva critica que esta analogia seja tomada como explicação de como efetivamente se produz a ideologia. O erro é, para ele, que os marxistas tenham tomado essa analogia feita por Marx (com direito, enfatiza Silva) como a *explicação* do fenômeno de produção da ideologia e não como o que ela de fato é: apenas uma analogia. Assim, “a analogia de Marx sobre o reflexo que ocorre na câmara escura e o ‘reflexo’ que ocorre na mente do homem (ou seja, a ideologia), é fecunda como analogia, mas *não explica*. O que não explica? Não explica aquilo que Engels dizia e que recordamos: a gênese desse ‘reflexo’ (SILVA, 2017, p.29, grifos originais).

⁹ Ver citação na página 7 deste trabalho.

A crítica de Silva é certeira e refere-se mais aos marxistas do que ao próprio Marx. Contudo, cabe também relembrar que, em “*A Ideologia Alemã*”, Marx não está preocupado ainda em explicitar de forma detalhada e em todas as conexões possíveis como essa ideologia é produzida, ou seja, como se passa da estrutura econômica para a ideias correspondentes àquele momento histórico. No texto de 1845-46, Marx apenas procura enunciar, de forma esquemática, qual é o princípio de investigação que ele está seguindo para que se possa compreender qual é a *origem e natureza* dos pensamentos. Não seria possível exigir que esses manuscritos elaborassem de forma mais completa este problema. Pode-se inclusive argumentar que será somente em “*O Capital*” que Marx conseguirá explicitar, de uma maneira mais complexa e rica, como as ideias e pensamentos se produzem dentro e a partir do modo de produção capitalista. A crítica é, portanto, correta, mas devem ser feitas estas ressalvas.

Para tentar mudar essa terminologia, Ludovico Silva escreve mais à frente que

A ideologia, assim, não se produz no homem *mecanicamente*, como o reflexo da realidade natural que se produz como na câmara fotográfica. Se, em vez de entender a ideologia como um “reflexo” (vocabulário passageiro e puramente literário de Marx) a entendemos, seguindo o próprio Marx, como *expressão* (*Ausdruck*) da realidade histórica, ou seja, como *linguagem* com a qual os homens tratam de expressão o que pensam, sentem ou desejam sobre as condições materiais de vida, teremos dados um grande passo; e o teremos dado, além disso, seguindo as pegadas deixadas por Marx. (SILVA, 2017, p.39, grifos originais).

O vocabulário “expressão” é, de fato, mais adequado e foi utilizado pelo próprio Marx em outro trecho da “*Ideologia Alemã*”¹⁰. Aliás, será fundamental para compreender, posteriormente, a origem da mais-valia ideológica descoberta por Ludovico Silva. Cabe ressaltar que não se trata de mero preciosismo acadêmico-intelectual por parte do filósofo venezuelano. Há uma busca pela exatidão das palavras, pois é necessário *explicar* o fenômeno. Não se explica algo corretamente sem nomeá-lo de forma precisa. Afinal, como o próprio Marx escreveu, “a linguagem é consciência prática”.

A busca de Silva é, assim, tentar esclarecer a passagem da estrutura econômica para a forma de pensar correspondente. Mas também há uma outra pergunta fundamental: como explicar que, sendo determinada pela estrutura econômica, a ideologia também possa, por vezes, determinar essa mesma estrutura? Para responder à essa pergunta, Silva argumenta que

A ideologia é, pois, determinada pelas estruturas sociais, mas *dialeticamente*, não de maneira linear, mecânica. Que a determinação seja “dialética” não significa outra coisa que, sem ser unívoca, nem inequívoca, nem devida a fatores necessariamente externos, essa determinação pode ser considerada *reversível*: a ideologia, que é a expressão da estrutura social, pode, por

¹⁰ Ver citação da página 8 deste trabalho.

sua vez, exercer determinação sobre essa estrutura. Mas essa última determinação terá que ser entendida sempre como a que pode exercer o *produto sobre o produtor*, e não o contrário. A estrutura social sempre atuará como *primum agens* (se entendemos essa expressão latina, empregada por Engels, despojada de sua origem causalista). A ideologia é, dissemos, expressão da estrutura social; não há inconveniente, dentro do materialismo histórico em aceitar que qualquer expressão - qualquer linguagem - pode atuar sobre aquilo do qual é expressão ou linguagem; mas sempre com a condição de que se reconheça que antes de toda linguagem devem haver algumas condições materiais que permitam a formação dessa linguagem (SILVA, 2017, p.43, grifos originais).

A partir deste trecho, é nítido observar que Ludovico Silva é um pensador marxista extremamente arguto. Longe de pensar em um determinismo mecanicista entre a estrutura econômica e as formas ideias correspondentes, Silva aponta que as “estruturas sociais” determinam dialeticamente a ideologia. A ideologia também pode atuar sobre as estruturas sociais, alterando-as dentro de certos limites. Contudo, é necessário entender que sem a estrutura social, não pode haver ideologia.¹¹ Não é possível pensar em algo, sem que esse algo exista. E aqui não há qualquer tipo de determinismo, mas uma verificação de que essa relação é uma necessidade da própria realidade. Essa determinação material não invalida em nenhuma medida que as ideias possam atuar sobre a realidade. Inclusive, essa era a concepção de Marx, pois as ideias são, para ele, um motor de luta dentro da sociedade de classes capitalista. Dessa forma, o filósofo venezuelano mostra toda a amplitude de sua elaboração teórica ao compreender essa mútua determinação entre o material e o ideal, mas sempre com a prioridade do material.

Após esse exame cuidadoso do conceito de ideologia na obra de Marx, Silva escreve dois capítulos sobre pensadores importantes à época: Louis Althusser e Jean-Paul Sartre. Ainda que esses capítulos apresentem uma importante contribuição ao debate da ideologia, eles estarão muito mais concentrados em falar sobre os dois pensadores franceses do que sobre o próprio Marx. Portanto, não entrarão em nossa análise, uma vez que estamos aqui interessados na relação entre o pensamento de Marx e o de Ludovico Silva. Partiremos, então, para o último capítulo da obra, que lançará a explicação, de forma detalhada, da origem e do significado da categoria de mais-valia ideológica.

¹¹ György Lukács tratou longamente desse problema em seus últimos escritos a fim de combater uma visão mecanicista da obra de Marx que se difundiu e continua a se difundir até os dias de hoje. Utilizando sua própria terminologia, Lukács escreve que “Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. É o que ocorre com a tese central de todo materialismo, segundo a qual o ser tem prioridade ontológica com relação à consciência. Do ponto de vista ontológico, isso significa simplesmente que pode haver ser sem consciência, enquanto toda consciência deve ter como pressuposto, como fundamento, algum ente. Mas disso não deriva nenhuma hierarquia de valor entre ser e consciência.” LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social I. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Nélio Schneider. (2^a ed.). São Paulo: Boitempo, 2018.

Silva inicia este quarto e último capítulo com o seguinte questionamento

Em traços muito amplos, nossa hipótese consiste em perguntar-nos se não é possível, levando em conta a afirmação de Marx de que as relações de produção se reproduzem no plano da ideologia, pensar que, assim, como na oficina da produção material capitalista se produz como ingrediente específico a mais-valia, assim também na oficina da produção espiritual no capitalismo se produz uma mais-valia ideológica cuja finalidade é fortalecer e enriquecer o capital ideológico do capitalismo; capital que, por sua vez, tem como finalidade proteger e preservar o capital material (SILVA, 2017, p.150, grifos originais).

Silva faz um paralelo entre as relações de produção e sua expressão correspondente no plano ideal. Ou seja, assim como se produz uma mais-valia no plano material, isto é, a exploração do trabalhador ao produzir para o capitalista um valor excedente que não retorna para o próprio trabalhador na forma de salário, mas que constitui trabalho grátis para o capitalista, se produziria uma mais-valia ideológica na consciência dos indivíduos que vivem nesse modo de produção. Essa mais-valia ideológica teria a finalidade de “proteger e preservar o capital material”. Ainda que o conceito de capital ideológico não tenha tanta pertinência dentro do marxismo, uma vez que o capital não é algo físico, mas uma relação social, é compreensível que Ludovico Silva aponte que a mais-valia ideológica seja algo que procure justificar e fortalecer as relações sociais capitalistas.

Entretanto, qual é a justificativa teórica para conseguir estabelecer que as relações materiais se reproduzem no plano da ideologia? Para isso, Silva recorre à frase de Marx de que “as ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica) das relações materiais dominantes.”¹² Portanto,

Se a esfera ideológica é *expressão* da vida material, então as relações materiais de produção capitalista terão sua expressão ideológica; e essas relações que são expressão das relações materiais são, essencialmente, as *mesmas*. Dito de outro modo, o dado específico das relações materiais, a mais-valia, deve ter sua expressão ideológica. Voltando ao esquema analógico diremos que o que se repete em ambas as esferas - material e ideológica - não são os próprios termos, pois cada qual pertence à sua esfera, mas as relações entre cada conjunto de termos. O que no trabalho físico é a mais-valia material, *isso mesmo* é o trabalho psíquico na mais-valia ideológica (SILVA, 2017, p.152, grifos originais).

A derivação de Silva é ousada e faz uma pequena alteração no que Marx indica. Para Marx, as ideias dominantes são a expressão das relações materiais dominantes no sentido de que essas ideias são, no fundo, justificativas para o domínio daquela classe dominante, afinal a classe dominante é a que detém os meios de produção materiais e, assim, detém o controle da organização social. Silva dá um passo a mais nessa formulação ao estabelecer que as relações materiais e as relações ideológicas são as mesmas. Não no conteúdo, como ele

¹² Ver citação da página 8.

mesmo indica, mas no sentido da própria relação. Assim, como há uma mais-valia material, deverá existir sua correspondente expressão ideológica, a mais-valia ideológica, pois a esfera ideal é expressão da vida material. Essa objeção não invalida a hipótese de Ludovico Silva, pois, como veremos adiante, a mais-valia ideológica serve, ao fim e ao cabo, precisamente para justificar e proteger o modo de produção capitalista, ou seja, aquilo mesmo que Marx havia escrito.

Silva estabelece, portanto, um paralelo que torna possível a dominação do capital não somente no terreno material, mas também no plano ideal, dos pensamentos. A mais-valia, categoria fundamental e estruturante do modo de produção capitalista, ganha uma determinação no plano ideal e, assim, o próprio capital é fortalecido, só que em um outro nível. A mais-valia material é trabalho não pago ao trabalhador por parte do capitalista. Ao vender sua força de trabalho, o trabalhador vende seu valor de uso. Ocorre que esse valor de uso, a força de trabalho, tem a incrível capacidade de criar valor, que é o objetivo último da produção capitalista. O trabalhador, assim, recebe um valor de troca (seu salário) ao vender sua força de trabalho. Mas sua força de trabalho produz mais valor do que ele efetivamente recebe. A mais-valia é a forma de exploração do capitalista, pois configura um trabalho grátis que o trabalhador faz para o capitalista. A mais-valia ideológica opera, no essencial, da mesma forma. Só que, ao invés da força de trabalho ser vendida como valor de uso ao capitalista, o que é vendido é a própria capacidade de pensar desse trabalhador. O trabalhador, claramente, não vende efetivamente sua capacidade de pensar, mas ele permite, sem perceber, que as mais diversas ideias produzidas pelo modo de produção capitalista adentrem sua consciência. Ou seja, o tempo que ele poderia dedicar a efetivamente pensar é dado grátis para que o sistema capitalista pense por ele. Dessa forma, “o capitalista se apodera de uma parte do valor da força de trabalho que, na realidade, pertence ao dono da força de trabalho; do mesmo modo, o capitalista - através das comunicações de massa e da “indústria da cultura” - *se apodera de uma boa parte da mentalidade dos homens, pois insere nela todo tipo de mensagens que tendem a perseverar o capitalismo* (SILVA, 2017, p.156, grifos originais).

Ora, como então o sistema capitalista captura, por assim dizer, a consciência dos trabalhadores? Silva já deu uma indicação no parágrafo anterior - através das comunicações de massa e da “indústria da cultura”. Ambos elementos voltarão posteriormente em sua análise, mas antes é necessário entender como esses elementos podem fixar-se na consciência dos indivíduos. Para isso, Ludovico Silva recorre à psicanálise, especificamente a Sigmund Freud.

A junção da teoria psicanalítica ao marxismo não é novidade. Os pensadores da

chamada Escola de Frankfurt foram os precursores nessa junção de teorias, especialmente Max Horkheimer e Theodor Adorno. Ludovico Silva é um grande admirador de ambos, como será possível ver mais à frente. Assim, nessa mesma perspectiva, ele recorre ao pensamento de Freud para explicar a ossificação da ideologia na mentalidade social.¹³

Freud defende a existência do consciente e do inconsciente. O consciente não nos interessa, pois a ideologia não opera nesse nível. Dentro do inconsciente existe o inconsciente latente e o inconsciente reprimido. Freud afirma que “ao latente que só é consciente em um sentido descritivo e não em sentido dinâmico, denominamos *pré-consciente*, e reservamos o nome de *inconsciente* para o reprimido, dinamicamente inconsciente” (*apud* SILVA, 2017, p.167-68, grifos originais). Qual é, pergunta Silva, a diferença de uma representação inconsciente de uma pré-consciente? Ao que Freud responde “a verdadeira diferença consiste em que o material da primeira (inconsciente) permanece oculto, enquanto que a segunda (pré-consciente) se mostra *entrelaçada com representações verbais*” (*apud* (SILVA, 2017, p.167-68, grifos originais)). O inconsciente é aquilo que jamais virá à tona, permanece oculto. O pré-consciente está entrelaçado com representações verbais e, assim, *pode vir a se tornar consciente*, pois a linguagem configura precisamente uma forma de consciência. E é justamente a partir dessa concepção que Silva situará a ideologia. Como ele escreve

Nossa tese é que a base de sustentação ideológica do capitalismo imperialista se encontra na forma pré-consciente no homem médio desta sociedade, e que todos os restos mnêmicos que compõem esse pré-consciente se formaram no contato diário e permanente com percepções acústicas e visuais oferecidas pelos meios de comunicação; e dizemos que eles constituem a base de sustentação ideológica do capitalismo, não apenas no sentido descritivo de que ‘a ideologia se forma através dos meios de comunicação’ - noção que por si só seria insuficiente -, mas no sentido mais preciso e dinâmico de que o capitalismo não oferece a seus homens qualquer ideologia, mas concretamente aquela que tende a preservá-lo, justificá-lo e apresentá-lo como o melhor dos sistemas possíveis (SILVA, 2017, p.169, grifos originais).

A ideologia do capitalismo é justamente aquela que pretende naturalizar o histórico e eternizá-lo como a última forma social da humanidade. Essa ideologia é transmitida diuturnamente através de percepções visuais e acústicas.

Para Silva, existem dois meios capazes de cristalizar essa ideologia na consciência dos indivíduos através de percepções acústicas e visuais. O primeiro meio é o próprio modo de

¹³ A psicologização da consciência social tem sido frequente nos últimos anos e é um perigo contra o qual deve-se estar atento. A psicologia e a psicanálise são fenômenos extremamente úteis para se pensar questões do indivíduo ou, como faz Ludovico Silva aqui em relação à psicanálise, para mostrar o mecanismo que opera entre o consciente e o pré-consciente. Contudo, não se deve substituir uma análise concreta da situação real e suas correspondentes formas de pensamento por algo que supervaloriza uma dimensão individualista e a transforma em algo social. Pode-se cair facilmente em um duplo perigo: de um lado, superdimensionar algo pontual e, por outro, não apreender o nexo do desenvolvimento histórico.

produção capitalista. O filósofo venezuela observa bem: “Mesmo sem a ajuda dos atuais meios de comunicação, o capitalismo secretaria sua ideologia” (SILVA, 2017, p.182). A observação é adequada. Afinal, na época em que Marx escreveu “*O Capital*” não havia qualquer coisa parecida com os atuais meios de comunicação e, no entanto, a ideologia do capital já estava presente não somente nos teóricos, mas também nos indivíduos que viviam nesse modo de produção.

O segundo meio é o que se chama de indústria cultural. “Como se chama a indústria nascida em nosso século e destinada à acumulação de capital ideológico? Chama-se - Adorno a chamou assim - *indústria cultural*, e também poderia ser chamada de, talvez com maior propriedade, de *indústria ideológica* (SILVA, 2017, p.177, grifos originais). Aqui podemos ver a admiração de Silva por Adorno e, ao mesmo tempo, a superação deste. O conceito de indústria ideológica é mais correto e preciso do que o de indústria cultural. A cultura está dentro do terreno dos valores de uso, enquanto que a indústria está dentro do terreno dos valores de troca. A indústria ideológica cria elementos que legitimam o modo de produção capitalista, ou seja, colocam o valor de troca como algo supremo e rebaixam o valor de uso. Tudo pode ser vendido e tudo pode ser comprado. A cultura e a arte estão no terreno da apreciação estética e emocional, que por sua natureza não têm nenhum valor de troca. A indústria cultural não tem outro objetivo que não o valor de troca. É claro que pode haver, como subproduto, algo de cultural e artístico. Mas, assim como o capitalista que tem uma fábrica de sapatos não fabrica essas mercadorias porque deseja ver todos seres humanos calçados, aqueles que produzem para a indústria ideológica não o fazem pelo apreço à arte e à cultura, ainda que possa haver algum substrato de ambos em suas mercadorias.

A indústria ideológica está, por exemplo, em uma empresa de publicidade. Esta empresa procura vender determinado produto como sendo um produto melhor e ao comprar este dito produto melhor, os indivíduos seriam, eles mesmos, melhores. Essa é a base de toda a lógica da venda de mercadorias. Os indivíduos, ao comprarem determinadas mercadorias, pertenceriam a um grupo exclusivo de pessoas, que justamente por comprarem aquelas mercadorias, são melhores. É uma tautologia altamente convincente. A criação de diferentes marcas para um mesmo tipo de mercadoria segue a mesma lógica. Enfim, a indústria ideológica cria um consumidor adequado à ela.¹⁴

¹⁴ Marx enunciou, de forma brilhante, esse problema em um escrito de 1857-58 intitulado “*Grundrisse*”. Lá, é possível ler que “A produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto”. MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. URFJ, 2011. P. 47. Marx não se dedicou ao tema da cultura como ele fez com a economia, mas é possível afirmar que ele tinha uma base sólida para fazê-lo.

Assim,

(...) os meios de comunicação atuais são tão específicos que se converteram no veículo material específico que faltava ao capitalismo para criar a *indústria ideológica* na qual os dados centrais seguem sendo alienação e mais-valia. Nessa indústria não apenas se ganha dinheiro e se acumula capital, como em qualquer outra indústria; se produz, além disso, um ingrediente específico: a *mais-valia ideológica*. Do operário descrito por Marx em *O Capital* era, ocultamente, subtraída a mais-valia material sem que ele o percebesse; *do mesmo modo, da psique do homem médio do capitalismo é extraída a mais-valia ideológica que se traduz como escravidão inconsciente ao sistema. Todas as lealdades que a indústria ideológica cria para o mercado de mercadorias - e, portanto, para a política capitalista - são pura e simples mais-valia ideológica. Não é consciente por um duplo motivo: por ser mais-valia e por ser ideológica. Trata-se, em síntese, de um excedente de energia mental do qual o capitalismo se apropria* (SILVA, 2017, p.177).

A mais-valia ideológica, igual à mais-valia material, é algo oculto. Os trabalhadores não sabem que são explorados pelo capitalista e recebem menor valor do que de fato produziram. Da mesma maneira, dos indivíduos é extraída a mais-valia ideológica. A partir da consciência dos indivíduos, o capitalismo extrai a mais-valia ideológica, que transforma esses mesmos indivíduos, se não em defensores, em pessoas neutras em relação ao sistema que as explora.

E é exatamente por isso que Ludovico Silva afirma que

A indústria ideológica explora o homem naquilo que é especificamente seu: a consciência. E o explora colocando sob essa consciência uma ideologia que não é a desse homem, mas a do capitalismo, e que, por isso, produz uma alienação (ideológica). A mais-valia ideológica é, assim, dada pelo grau de adesão inconsciente de cada homem ao capitalismo. Esse grau de adesão é realmente um excedente de seu trabalho espiritual: é uma porção de seu trabalho espiritual que deixa de lhe pertencer e que passa a engrossar o capital ideológico do capitalismo, cuja finalidade não é outra que preservar as relações de produção materiais que originam o capital material. A mais-valia ideológica, originalmente produzida e dialeticamente determinada pela mais-valia material, se converte não apenas em sua experiência ideal, mas também em sua guardiã e protetora desde o próprio interior de cada homem (SILVA, 2017, p.188, grifos originais).

Capturar a consciência dos indivíduos é o verdadeiro objetivo da mais-valia ideológica. A consciência social transforma-se, aos poucos, em uma não consciência, em uma consciência ideológica, pois é justamente um momento onde não se pensa por conta própria, mas, ao contrário, o capitalismo produz os pensamentos. E, assim, aquele indivíduo que tem sua mente explorada pela mais-valia ideológica torna-se um adepto do próprio capitalismo, sem que tenha percebido que foi o sistema capitalista quem criou essa forma de pensar e não o indivíduo mesmo. Cada pessoa defende o sistema que a explora e passa, dessa forma, a ser mais uma força para a perpetuação deste modo de produção.

Ludovico Silva mostra que é um grande pensador marxista, pois indica que a mais-valia ideológica foi originalmente produzida e determinada pela mais-valia material, mas, agora, passa a também atuar sobre essa. Material e ideal estão sempre em relação de mútua determinação, sendo que, em primeiro lugar, o material sempre condiciona o ideal. Após essa longa análise da obra de Silva, que foi do conceito de ideologia à formulação do conceito de mais-valia ideológica, finalizaremos com algumas observações sobre as potencialidades e limites da obra do pensador venezuelano.

A mais-valia ideológica e a Revolução Socialista

Na primeira parte deste artigo, procuramos estabelecer o significado de ideologia para Karl Marx em sua obra inacabada e em escrita em conjunto com Engels, “*A Ideologia Alemã*”. Esse conjunto de manuscritos representa um esforço teórico, por parte de ambos, para se auto elucidar sobre suas próprias concepções acerca da realidade e do estudo dessa realidade. Marx usará a palavra “ideologia” somente mais uma vez, no já referido prefácio ao texto de 1859: “*Contribuição à crítica da Economia Política*”. Contudo, a temática jamais sairá de seus estudos, mas aparecerá de outra forma, especificamente em “*O Capital*”.

Compreender o que é ideologia para Marx é compreender sua concepção do materialismo histórico. É a partir do material, do ato de produção e reprodução da vida cotidiana, que surgem as condições para que uma série de outras atividades humanas possam ocorrer. Como os indivíduos fazem essa reprodução é tão importante quanto o que eles produzem, pois apresenta sua forma de ser. E é a partir desse solo material que as ideias germinam e florescem, mostrando que jamais pode haver uma ideia que não esteja ancorada em uma realidade histórico-social específica. Esse é precisamente o sentido da frase de Marx, quando ele afirma que é a realidade que determina a consciência e não o contrário. Essa é a origem da própria ideologia, que, contudo, tem uma especificidade. O solo material do qual a ideologia nasce é o modo de produção capitalista, que, por sua vez, é uma forma de produção e reprodução social que continuamente inverte a realidade e, assim, inverte continuamente os produtos do pensar.

Essa inversão, oriunda da produção e reprodução de uma forma histórica de sociedade, absolutiza o relativo e transforma o histórico em eterno. A perspectiva de uma classe torna-se a perspectiva de toda a sociedade e um modo de produção, um modo de ser social apresenta-se como o modo de ser dos indivíduos. E, dessa forma, a ideologia esconde e mistifica o que a realidade realmente é.

Em seguida, passamos à análise que Ludovico Silva faz do problema da ideologia e da elaboração de sua ideia de mais-valia ideológica. Ao nosso ver, Silva recupera o conceito de Marx em toda sua vitalidade e precisão. A crítica que o pensador venezuelano faz à utilização por vários marxistas da analogia da câmara escura não o impede de reconhecer o mérito de Marx em estabelecer sua concepção materialista da história e sua correspondente concepção da ideologia. Silva entende que é a sociedade que produz ideias e, se a sociedade se transforma, ela também transforma os produtos de seu pensar. Ao mesmo tempo, as ideias podem agir sobre a sociedade em um relação mútua e de fato o fazem, assim como a própria ideologia. Dessa forma, Silva passa da análise do conceito de ideologia para a elaboração de sua própria tese: a mais-valia ideológica.

Ainda que, como apontamos na página 12, o filósofo venezuelano tenha alterado, de certa maneira, o raciocínio de Marx fazendo um paralelo entre as relações materiais e sua expressão correspondente no plano ideal, a tese da mais-valia ideológica aparece como uma intuição genial, que não somente ajuda a compreender o capitalismo dependente e subdesenvolvido latinoamericano, mas o capitalismo como um todo. Se é claro que os indivíduos estão sob o controle do poder do capital em suas relações materiais, é claro que eles estarão também sob o controle deste poder em seus pensamentos. A forma que isso opera parece ser o ponto chave de compreensão e é exatamente nisso que Silva se debruça.

O modo de produção capitalista produz sua própria forma de consciência social. Entretanto, no estágio atual do sistema, tanto em 1978 (data de publicação da obra de Silva), quanto atualmente, é necessário algo a mais, algo que cristalize nas mentes e corações dos indivíduos a necessidade do próprio capitalismo de existir. A indústria ideológica - e não mais a indústria cultural - é precisamente esse mecanismo de controle, que adentra a “psique”, como aponta Silva, e lá se instala, produzindo e reproduzindo cotidianamente mensagens de apologia do sistema capitalista como o “melhor dos mundos possível”, na célebre frase do Dr. Pangloss. E, portanto, o indivíduo, sem que o saiba, recebe informações e as julga serem as informações corretas, sem jamais questionar a natureza de como as coisas são e porque são assim.

Mas, afinal, a mais-valia material refere-se ao trabalho não pago, ou seja, ao tempo de trabalho não pago, o tempo excedente. E a mais-valia ideológica, à qual tempo ela se refere? Sobre isso, pode-se ler que

(...) “o tempo livre” da sociedade capitalista - inclusive e principalmente na contemporânea - é um simples “não-trabalho”, um escapar durante o resto do dia da alienação do trabalho. Mais importante: é um “tempo livre” no qual

trabalhamos para a preservação do sistema, é o tempo de produção da mais-valia ideológica. A energia psíquica permanece concentrada nas múltiplas mensagens que o sistema distribui; permanecemos atados à ideologia capitalista e se trata de um tempo de nossa jornada que *não é indiferente* à produção capitalista, mas o contrário: é utilizado como tempo ótimo para o *condicionamento ideológico*. É o tempo do rádio, da televisão, dos jornais, do cinema, das revistas e, se apenas se sai de passeio, o tempo dos anúncios luminosos, das lojas das mercadorias: *Homo homini mercator*. Esse condicionamento que assedia o homem médio desta sociedade até em seus sonhos, mutila por completo todo impulso para o livre desenvolvimento da personalidade, um desenvolvimento não amarrado à roda do moinho do consumo, que não é senão uma das formas sob as quais a exploração aparece. O tempo livre da sociedade capitalista-imperialista não é um tempo livre: é o tempo da produção da mais-valia ideológica (SILVA, 2017, p.188, grifos originais).

Esse é um ponto fundamental: o tempo. O modo de produção capitalista depende do tempo, especificamente do tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria. Assim, a jornada de trabalho do trabalhador se divide entre o tempo necessário e o tempo excedente. O tempo necessário é aquele no qual o trabalhador produz seu salário. O tempo excedente transforma-se em mais-valia, pois é trabalho grátis feito pelo trabalhador para o capitalista. Aqui reside uma das principais contradições do modo de produção capitalista. Há, por um lado, um desenvolvimento descomunal das forças produtivas, isto é de máquinas e tecnologia, que permitem que a produtividade do trabalho seja elevada e, assim, o tempo de trabalho seja reduzido. Mas, por outro lado, essa redução do tempo de trabalho revela-se no seu oposto, pois o tempo de trabalho excedente dedicado ao capital só aumenta. Dessa forma, o trabalhador trabalha efetivamente muito pouco tempo para repor seu salário (trabalho necessário), mas trabalha muito para gerar a mais-valia para o capital. O que deveria ser uma liberação do tempo para a realização de outras atividades além do trabalho transforma-se no aprisionamento, cada vez maior, do trabalhador ao capital.

O mesmo se passa com o tempo do pensar. O tempo, que aparece como livre, na verdade não o é, pois o sistema capitalista coloniza a mente dos indivíduos com mensagens de todos os tipos que procuram mostrar que o mundo das mercadorias é, efetivamente, o paraíso na terra. A necessidade de comprar, a felicidade que isso traz e o mundo de possibilidades são disseminados pela televisão, pelo rádio, pelos jornais, pelas redes sociais, pelos diferentes serviços de streaming. Enfim, o tempo que deveria ser livre para o completo desenvolvimento do indivíduo em toda a sua plenitude, é capturado e transformado em um tempo de adequação da consciência ao sistema capitalista.

Nos parece que é exatamente aqui onde Ludovico Silva mostra toda sua grandeza e também o seu limite. A partir deste último trecho citado, é possível ver a grande influência

que Adorno e Horkheimer tiveram no pensador venezuelano. O texto “*A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*”, presente no livro “*Dialética do Esclarecimento*” é, sem dúvida, um divisor de águas na análise da produção da ideologia. Contudo, apesar de fazer apontamentos sobre como essa “indústria cultural” opera a favor do capitalismo e contra a consciência crítica, o texto de Adorno e Horkheimer carece de estrutura conceitual rigorosa e padece, assim, de verdadeiramente explicar os fenômenos aos quais se refere. Mas, além disso, especialmente nos escritos de Adorno, percebe-se uma aceitação e resignação ao sistema capitalista, pois este é poderoso demais para ser combatido. Essa concepção pessimista e resignada transparece em Silva. E, apesar de afirmações como “(...) o oposto da alienação ideológica não pode ser outra coisa que a consciência revolucionária” (SILVA, 2017, p.183) ou que a revolução “é o esforço por elevar a consciência dos homens ao *estado real do mundo*; é a apresentação direta e a denúncia do pântano que as ideologias ocultam” (SILVA, 2017, p.61, grifos originais), o final do livro de Ludovico Silva parece nos transmitir um problema de impossível solução, um inimigo poderoso demais para se derrotar.

Como o próprio Silva argumenta, utilizando Freud, a ideologia opera no pré-consciente dos indivíduos e justamente o que distingue o pré-consciente do inconsciente é que aquele pode vir a se tornar consciente. Isso significa que as diversas mensagens enviadas pelo sistema capitalista através de jornais, televisão, rádio, redes sociais, podem vir a se tornar conscientes e a barreira da neblina ideológica pode-se levantar e dar conta de compreender o mundo como ele é e não como o próprio capitalismo o faz parecer ser. Ou seja, há uma possibilidade de lutar contra a ideologia, utilizando-se do argumento do próprio Silva. O pensador venezuelano acaba, portanto, não conseguindo perceber a potência daquilo que ele mesmo descobriu. Sob a perspectiva de Adorno e Horkheimer, Ludovico Silva constrói um monstro que habita nas mentes e corações de todos que vivem dentro do sistema capitalista e esse monstro, nessa perspectiva, não pode ser vencido. Assim, cabe a denúncia contra tal sistema, mas também a resignação diante da incapacidade de se reverter esse cenário.

Desta forma, é necessário regressar ao próprio Marx e ao “*Capital*”. O capital procura ser uma força absoluta que a tudo domina e tudo coordena. Contudo, ele jamais poderá ser tal força absoluta, pois sua base é relativa. O capital é uma relação histórica, e por essa razão, jamais poderá se absolutizar acima da História. O capital não poderá dominar completamente os seres humanos, pois ele mesmo é fruto da relação entre esses próprios seres humanos. E se foram os indivíduos que criaram um determinado modo de vida, um modo de produção da vida, são eles também que o podem destruir. Assim, a fabricação da consciência pelo capitalismo através de sua ideologia nunca conseguirá domar completamente a psique dos

indivíduos, pois esse poder nunca é absoluto. Aliás, esse é o próprio fundamento da obra de Marx, que escreveu um livro para que os trabalhadores tivessem consciência crítica do sistema que os explorava e, dessa maneira, pudessem transformá-lo a partir de dentro. É com esse objetivo “dialético”, como diria Ludovico Silva, que Marx escreveu “*O Capital*”: para se ganhar consciência crítica sobre o mundo e, assim, transformá-lo. A consciência em relação à mais-valia ideológica é uma arma fundamental para a tomada de consciência crítica, para lutar contra o lamaçal espesso das ideologias, abrindo caminho para a revolução social.

Referências

- HUBMANN, Gerald. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamte Ausgabe in **Crítica Marxista**, v.34, 2012, p. 33-49
- KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. 2^a ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2^aed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. URFJ, 2011.
- NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- SILVA, Ludovico. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis: Insular, 2017.